



Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e  
Secretaria Municipal de Cultura  
apresentam

# nos limites do corpo

residência artística no  
hospital da mulher  
heloneida studart

patrocínio



PREFEITURA DO RIO  
Secretaria Municipal  
de Cultura

parceria



C | M | A | H

CENTRO  
MUNICIPAL  
DE ARTE  
HELIO  
ÓTICA

apoio

tiradentes  
cultural

realização

RELACIONARTE

Projeto contemplado pelo Programa de Fomento à Cultura Carioca da Prefeitura do Rio de Janeiro / Secretaria de Cultura.

CIP – Catalogação na Publicação  
Elaborada pela bibliotecária Gabriela Faray (CRB7-6643)

N897 Nos limites do corpo : residência artística no Hospital da Mulher Heloneida Studart / organizadores Tania Rivera e Luiz Sérgio de Oliveira..- 1. ed. – Rio de Janeiro : Relacionarte, 2016.

44p. ; il. color. ; 20cm. -

ISBN 978-85-5933-001-4

1. Arte brasileira. 2. Arte contemporânea. 3. Residência artística. I. Rivera, Tania. II. Oliveira, Luiz Sérgio de. III. Título.

CDD – 709.81

# nos limites do corpo

residência artística no  
hospital da mulher  
heloneida studart

Tania Rivera e Luiz Sérgio de Oliveira  
organizadores

Cristina Salgado  
Gabriela Mureb  
Hélio Carvalho  
Roberta Barros

Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica  
6 de novembro de 2016 a 18 de fevereiro de 2017

Relacionarte 1ª edição  
Rio de Janeiro 2016

No ano em que o Rio de Janeiro se tornou a primeira cidade da América do Sul a receber os Jogos Olímpicos e Paralímpicos, a Secretaria Municipal de Cultura (SMC) reafirma como uma de suas principais missões a valorização das mais variadas expressões artísticas e manifestações culturais presentes na cidade, colocando a sua produção criativa sob os olhos do mundo. Assim, a Prefeitura do Rio mostra a sua crença no potencial transformador da cultura e na capacidade de o corpo simbólico carioca falar sobre a nossa diversidade.

Por isso, é com orgulho que a SMC apoia a exposição “Nos Limites do Corpo” e abre as portas do Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica (CMAHO) para esta mostra coletiva, que aborda diversos aspectos do universo feminino. Fotos, instalações e vídeos que exibem de forma sensível o cotidiano no Hospital da Mulher Heloneida Studart, localizado em São João de Meriti, ocupam até fevereiro as galerias do centro de arte contemporânea da rede de equipamentos da Prefeitura do Rio.

Assinadas pelos artistas Cristina Salgado, Gabriela Mureb, Hélio Carvalho e Roberta Barros, as obras suscitam o debate sobre uma série de questões contemporâneas relacionadas à mulher, à sua representatividade e a como a cultura, a política e a religião influenciam em sua inserção na sociedade. Com curadoria de Tania Rivera e Luiz Sérgio de Oliveira, a exposição faz parte do projeto “Arte, Mulher e Sociedade”, também apoiado pela Prefeitura do Rio.

Por acreditar e fomentar a cultura sob a forma das mais variadas expressões e linguagens, a SMC se alegra em apoiar a exposição “Nos Limites do Corpo” e recebê-la no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica no ano em que o espaço comemora duas décadas de atividades. Ao sediar as mais diversas mostras de artistas nacionais e estrangeiros, novatos e consagrados, o CMAHO se consolida como um rico ambiente de reflexão de temas pertinentes para a sociedade por meio das artes visuais.

**Junior Perim**

Secretário Municipal de Cultura do Rio de Janeiro

O dispositivo da residência tem sido acionado com frequência nos últimos anos pelo campo da arte, mas é uma prática corrente há tempos nos movimentos sociais, especialmente naqueles motivados pelo direito à moradia. Ocupar é também um modo de residir e, muitas vezes, o único de resistir. Estão aí os estudantes das escolas públicas de todo o país – cuja consciência política e coragem nos encham de esperança – a nos ensinar que habitar o espaço público implica numa tomada de posição em relação a problemas políticos, sociais e éticos que nos ultrapassam, ultrapassando, portanto, a consciência acerca de nossa própria condição. Sair dos lugares tradicionalmente destinados à arte, ou ainda, como é o caso, retornar a eles, trazendo consigo a experiência vivenciada no Hospital da Mulher por cerca de nove meses, quer nos dizer alguma coisa sobre aquilo que entendemos como o espaço da arte e nos dá a chance de requalificar nossas formas de atuação (não apenas como artistas ou curadores, mas também como sujeitos). Quando vamos na direção de situações como essa, a meu ver, renovamos também nossa aposta na capacidade da arte de instaurar espaços de indefinição (entre saúde e arte, por exemplo) propícios ao exercício de outras formas de relação com o mundo que nos permitam produzi-lo e habitá-lo de modo diferente.

**Izabela Pucu**

Diretora e Curadora  
Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica



## maternidade, corpo, mundo

No corpo da mulher cruzam-se as linhas do mundo.

Campo limítrofe entre o eu e o outro, ele é lugar de poesia e dor, transformação, violência e afirmação de potência de vida. Na gravidez e no parto acentua-se sua condição de dispositivo social: dentro e em torno dele giram mecanismos culturais diversos que vêm acolhê-lo mas também domesticá-lo, assisti-lo e lhe atribuir limites, papéis e representações.

Ao redor da maternidade tudo se mostra e ativa: o corpo em sua biologia mais crua, conjugando dor, risco e prazer; a presença do outro, dentro e fora; a cidade que abriga, mas também fere e exclui.

Esta exposição apresenta os vestígios e os testemunhos de vivências realizadas em uma maternidade em particular, a encarnar concretamente esse lugar de ebulição ao mesmo tempo íntima e social: o Hospital da Mulher Heloneida Studart, em São João de Meriti, na Baixada Fluminense. O projeto partiu do convite da direção clínica da instituição, que assiste pacientes de alto risco, e contou com seu atento acompanhamento.

Nessa aventura, tratava-se de os artistas estarem presentes no dia-a-dia do Hospital ao longo de alguns meses, em contato e troca com a equipe, as pacientes e acompanhantes que lhe dão vida. Apostávamos que sua presença inusitada poderia contribuir na ativação, imprevisível e micropolítica, de questões fundamentais sobre corpo, gênero e sexualidade, relações de poder no campo da saúde e fora dele, políticas de contracepção, religião etc.

Em conversas e fantasias compartilhadas, imagens, objetos e propostas foram surgindo. Eles tentam, aqui, ganhar espaço e anular fronteiras geográficas e simbólicas.

Tania Rivera e Luiz Sérgio de Oliveira









Dizer que na contemporaneidade o artista se fez nômade talvez soe como certo exagero. Da mesma maneira, afirmar que o artista foi despejado de seu ateliê e que caiu no mundo, como eventualmente caem os anjos, tornando-se assim mais um desabrigado deste mundo mundano, pode parecer igualmente uma imprecisão, ou mesmo, um excesso. No entanto, é necessário admitir que, da mesma maneira que a identidade tradicional do artista vem sendo contestada, fragmentada em múltiplos que se complementam, também o ateliê deixou de ser o lugar único da criação artística. Se a afirmação do nomadismo do artista requer certa cautela, devemos admitir, entretanto, que a tese do trânsito do artista se fez crucial na arte contemporânea; a começar pelo trânsito entre diferentes meios, maneiras e modos de criar, necessário no enfrentamento da diversidade de questões que atravessam a produção de arte contemporânea.

Neste cenário, o artista fragmentado se multiplica entre inúmeras facetas, identidades e comprometimentos – como articulador, agenciador, mediador, negociador, político, educador e assim por diante –, procurando ainda preservar aquele algo que o define e que é um tanto indefinível e indecifrável: sua sensibilidade e sua capacidade no ato da criação. Assim, o artista é chamado a enfrentar realidades que desconhece ou que conhece apenas na distância de quem habita o mesmo mundo, ou mesmo um mundo paralelo. E aí se instaura um primeiro problema: como enfrentar contextos políticos-sociais-culturais, invariavelmente complexos, e encontrar respostas que sejam, ao mesmo tempo, responsáveis, sensíveis e, acima de tudo, artísticas? Como enfrentar cenários para os quais, em geral, o artista não está efetivamente habilitado, para os quais ele – o artista – não possui efetivamente o instrumental de enfrentamento?

No passado, o recurso às residências artísticas – mesmo que sob outra designação – integrava o processo de formação do artista, guiando-o invariavelmente por estágios em centros produtores de arte da Europa como recompensa de prêmios de viagem dos salões acadêmicos e modernos. As residências artísticas contemporâneas, no entanto, distanciadas da ideia de formação do artista, integram, na verdade, um processo de construção de reputações do artista contemporâneo, como que a reafirmar a necessidade de adequação às novas demandas de trânsito e de enfrentamento de realidades outras.

Esse fenômeno coloca em debate o próprio conceito de estabilidade e de fixidez do artista que, a partir de seu deslocamento, abandona o ateliê, lugar de “residência” da arte e do artista, para enfrentar as obscuridades de uma “residência artística”. Neste sentido, entregar-se a uma residência artística implica em assumir as complexidades e os prazeres do encontro com aquele a quem não se conhece, do encontro com realidades outras e, acima de tudo, com o “outro” que habita essas outras realidades. Isso é um desafio para o artista que deixa seu mundo, sua “residência” e seu domicílio simbólico para se embrenhar por outros mundos. E, mais importante, ele/ela ainda tem que carregar consigo uma ideia e uma prática de arte, pois se trata do deslocamento de um artista.

Este é o tipo de desafio ao qual Cristina, Gabriela, Hélio e Roberta se lançaram ao assumir a residência artística no Hospital da Mulher em São João de Meriti. Não que isso signifique um transitar por mundos distantes – longe disso, uma vez que as realidades e os mundos se miram, se tocam e se deixam contaminar. Mas, seja lá como for, trata-se de uma realidade que se distancia da realidade do mundo da arte, mesmo que, nas

últimas décadas e por razões várias, esse mundo da arte tenha alargado (ou expandido, como preferem alguns) seus limites para abarcar outras instâncias da vida. Esses quatro artistas se embrenharam pelo universo cotidiano do hospital na tentativa de encontrar respostas para suas experiências ali vividas através da observação e da inserção naquele cotidiano. Cada qual à sua maneira, esses quatro artistas buscavam intervir naquele universo enquanto permitiam que aquele cotidiano banhasse e contaminasse suas experiências de vida, de artista e sua arte.

À medida que exercitavam suas observações e suas práticas de arte no hospital, ações que já apresentam inúmeras complexidades, esses artistas ainda enfrentavam outro desafio igualmente espinhoso: o que trazer em retorno para o circuito de exposições de arte? Como evitar uma sensação de incompreensão e de exploração sempre à espreita nesses cenários de deslocamentos e de encontros? Como lidar e transpor o sentido daquela experiência que ficou cravado no ambiente no qual a experiência se deu? O que trazer/fazer no espaço expositivo que supere o mero registro de uma experiência que se deu e se perdeu no seu tempo preciso? Ou, ao contrário, melhor seria assumir o caráter de relíquia diante da inoperância das tentativas de reativação dos objetos-registro da experiência? Estas são apenas algumas interrogações que se projetam no campo da arte a partir do deslocamento do artista contemporâneo no campo social.



O projeto da residência artística no Hospital da Mulher Helo-neida Studart, em São João do Meriti, teve como ponto de partida um convite que me foi feito, em 2012, pela Dr.<sup>a</sup> Ana Teresa Derraik Barbosa, sua Diretora Clínica. Demonstrando uma notável compreensão clínica, institucional e artística, ela me disse que gostaria de ter artistas presentes no Hospital. Esse lhe parecia um modo interessante de colaborar para a humanização da assistência e do parto na instituição, que já contava com indicadores importantes de excelência em atendimento hospitalar e iniciava um projeto nessa direção específica, seguindo os parâmetros recomendados pelos órgãos competentes.

A ideia entusiasmou-me de imediato. A produção contemporânea em arte busca, com frequência, um alargamento de suas fronteiras, explorando a relação com o outro em uma incidência social e política mais abrangente. Trata-se, para muitos artistas e trabalhadores no campo da arte, de pautar suas ações por um direcionamento ético que recoloca as questões estéticas em outras bases e os desloca do “mundo da arte” – circunscrito por museus, galerias, escolas e universidades – para contextos muito diversos, envolvendo questões sociais e trabalhando com grupos e comunidades específicos. Raras são as situações, contudo, em que tal trabalho se desenvolve em instituições – e é ainda menos frequente que ele se origine de um convite da própria instituição.

A instigante provocação da Dr.<sup>a</sup> Ana Teresa me fez sonhar com um futuro no qual a arte não apenas se misturaria à vida – como queriam e querem tantos artistas há mais de um século –, mas também se tornaria uma espécie de poesia prática, capaz de colaborar ativamente para a construção de uma sociedade mais justa e “humanizada”. Este termo, que eu conhecia bem como psicanalista e professora universitária, por ter atuado

durante alguns anos no campo da saúde mental, não deixou de me surpreender no contexto desse projeto. Teriam nossos dispositivos sociopolíticos chegado ao nível de uma “desumanização”? E como isso se daria no contexto da assistência médica à gravidez e ao parto?

Parecia-me belo pensar a arte como aquilo capaz de nos “humanizar”. Talvez, nossa humanidade jamais esteja dada de saída, mas deva ser buscada, incitada por intervenções, invenções, gestos. Encontros.

Para mim e para a crítica e curadora Viviane Matesco, que convidei para coordenar comigo o projeto em seu início, não se tratava, nessa “humanização”, de os artistas cumprirem qualquer função direta na instituição, mas, sim, de estarem presentes “humanamente”, ou seja, de forma gratuita e desinteressada. Não nos parecia interessante, por outro lado, levar manifestações artísticas para dentro do Hospital no intuito de divertir a equipe, os pacientes e seus acompanhantes, nem tampouco organizar ateliês ou oficinas para levar as pessoas a se envolverem COMO AUTORAS DE (em) algum tipo de produção artística ou artesanal.

Parecia-nos, antes, que deveríamos apostar na simples presença dos artistas – no modo imprevisível como cada um deles fosse construindo ali seu lugar – como capaz de ativar algo no Hospital, em um nível micropolítico. E que deveríamos trabalhar, sobretudo, no sentido de dar lugar e voz à vivência de cada um, compartilhando experiências e questões ao longo de todo o projeto, sempre com a participação ativa e generosa da Dr.<sup>a</sup> Ana Teresa. Era impossível prever como tais ações micropolíticas e artísticas, em um sentido muito amplo, viriam se materializar, mas apostávamos que elas se disseminariam, de alguma forma, entre os atores sociais em jogo – artistas, pacientes, equipe, instituição, cidade.

Iniciou-se, então, a primeira etapa desse projeto, que não está presente como tal na exposição no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, mas fornece uma espécie de base e condição preliminar ao que tentamos transmitir nesse evento. Para aquele período, que durou cerca de oito meses, convidamos três artistas: Bárbara Boaventura Friaça, Letícia Carvalho e Roberta Barros. As três iniciaram acompanhando equipes de plantão em toda a sua jornada de 12 horas. Em reuniões frequentes, com a presença da Dr.<sup>a</sup> Ana Teresa, conversávamos sobre todas as questões que surgiam dessa vivência. O incômodo e o fascínio diante da crueza da carne humana nas salas de parto, o ambiente e as conversas da equipe durante as intervenções, as relações de poder entre os diversos profissionais e destes com as pacientes e seus familiares, o sofrimento e a alegria das mães, as perdas. A violência e o cuidado, dentro e fora do Hospital, expandindo-se pela realidade (social, econômica, sexual, humana) que parecia girar e mostrar novas facetas.

Duas das artistas fizeram intervenções artísticas no Hospital (a terceira, como que contaminada pelo ambiente, engravidou e suspendeu sua participação no projeto). Bárbara Friaça concebeu uma veste-útero que pendia em um dos corredores da instituição e um dia serviu de totem improvisado para uma jocosa brincadeira tribal de uma equipe esgotada pela madrugada em plantão. Roberta Barros refletiu sobre a tendência dos médicos sugerirem nomes para os recém-nascidos, e realizou uma performance na qual nomes de diversas pessoas – funcionários, pacientes etc. – eram cuidadosamente guardados em luvas cirúrgicas sopradas como balões. O ponto alto dessas intervenções se deu com a fala dessas artistas em um evento sobre direitos humanos e maternidade realizado no auditório do Hospital, com a presença de uma plateia prioritariamente médica.

Vibramos ao ver as artistas fazendo suas intervenções nesse ambiente distante do mundo da arte e logrando emocionar de alguma maneira aqueles profissionais. Tal era o deslocamento que nos interessava e nos parecia capaz de promover

alguma contaminação imprevisível, alguma transformação microscópica, enxertando poesia – e questionamentos – ali onde eles não são esperados.

A segunda etapa do projeto deveu seu impulso a Viviane Matesco, a quem ocorreu a ideia de submeter uma proposta ao edital de fomento às artes da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro de 2015, para tentar viabilizar o deslocamento na direção oposta e tentar levar o Hospital à instituição artística sob forma de uma exposição. O Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica (CMAHO) pareceu-nos, de saída, a instituição ideal para realizar tal projeto, devido a sua convergência com a proposta de expansão tanto da compreensão da arte quanto de seu público desenvolvida pela atual gestão do Centro, dirigida por Izabela Pucu. Ao longo do processo, tivemos a alegria de ter a residência artística no Hospital da Mulher incluída no grupo “Arte e Cuidado”, coordenado pelo CMAHO e contando com diversos parceiros que desenvolvem trabalhos na interface entre arte e saúde.

A presente etapa teve sua equipe curatorial modificada – com a substituição de Viviane Matesco pelo artista e curador Luiz Sérgio de Oliveira – e contou com três novos artistas, que se juntaram a Roberta Barros: Cristina Salgado, Gabriela Mureb e Hélio Carvalho. A presença do grupo no Hospital da Mulher distribuiu-se por cerca de nove meses, balizada por encontros nos quais discutíamos questões políticas, assistenciais e artísticas, sempre acompanhados pela Dr.<sup>a</sup> Ana Teresa Derraik.

Os artistas desenvolveram de modos singulares suas vivências na instituição. Gabriela Mureb fascinou-se pelos claro-escuros da sala de cirurgia, pelos gestos precisos das mãos com suas luvas brancas destacando o escuro do interior do corpo, aberto. Roberta Barros misturou-se às salas de espera – da consulta, do exame, do bebê – e se propôs a tecer com linhas e a eventual ajuda das pacientes um grande fio que compõe, aos poucos, uma grande barriga grávida. Hélio Carvalho, vestido com uma roupa que mistura elementos e cores de todos os diferentes uniformes dos funcionários do Hospital, idealizou seu Deambulatório como

um dispositivo de encontro que perambula pelas dependências da instituição e transforma-se em uma mesa com material de desenho para incitar à conversa pacientes, familiares e equipe.

Por sua vez, Cristina Salgado acompanhou de perto, com intensidade e emoção, a realização de conversas sobre sexualidade com adolescentes de uma escola próxima e o acompanhamento clínico de algumas delas em um programa-piloto de contracepção heroicamente concebido e viabilizado pela Dr.<sup>a</sup> Ana Teresa, e convidou duas das jovens do grupo a participarem da montagem de sua escultura A Grande Nua, no Hospital da Mulher. As camadas de tapete-carne foram reviradas nas curvas infinitas que compõem essa peça e estiveram expostas durante algumas semanas em uma das salas de espera da instituição, sobre uma das muitas longarinas ali existentes. No CMAHO, Cristina mostra um filme produzido durante essa montagem, alguns desenhos, uma pequena peça escultórica (uma assemblage, a bem dizer) e peças com projeções de imagens por refletores de luz.

Em cada um desses trabalhos, pulsa o contato com as pessoas e a fricção da arte com as múltiplas questões – vividas, complexas e delicadas – experimentadas no Hospital da Mulher Heloneida Studart. Esperamos que neste pequeno catálogo eles continuem a disseminar sua delicada potência poética e sua tentativa de contribuir para a humanização da vida.



Cristina Salgado





[p. 8, 24]  
*Menina de 8 anos e Mater  
Dolorosa*, 2016  
2 refletores com gobos,  
2 tripés e tapete  
dimensões variáveis

[p. 22-23]  
*A origem do mundo  
(Verônica Anunciação)*, 2016  
refletores, sargento e  
caderno de anotações  
dimensões variáveis

[p. 9, 25]  
*Filha, mãe e copos d'água  
com luz*, 2016  
desenho e refletor  
dimensões variáveis

[p. 21]  
Montagem da *Grande nua*, com  
colaboradoras, no Hospital da  
Mulher Heloneida Sudart, 2016  
vídeo 12'02"

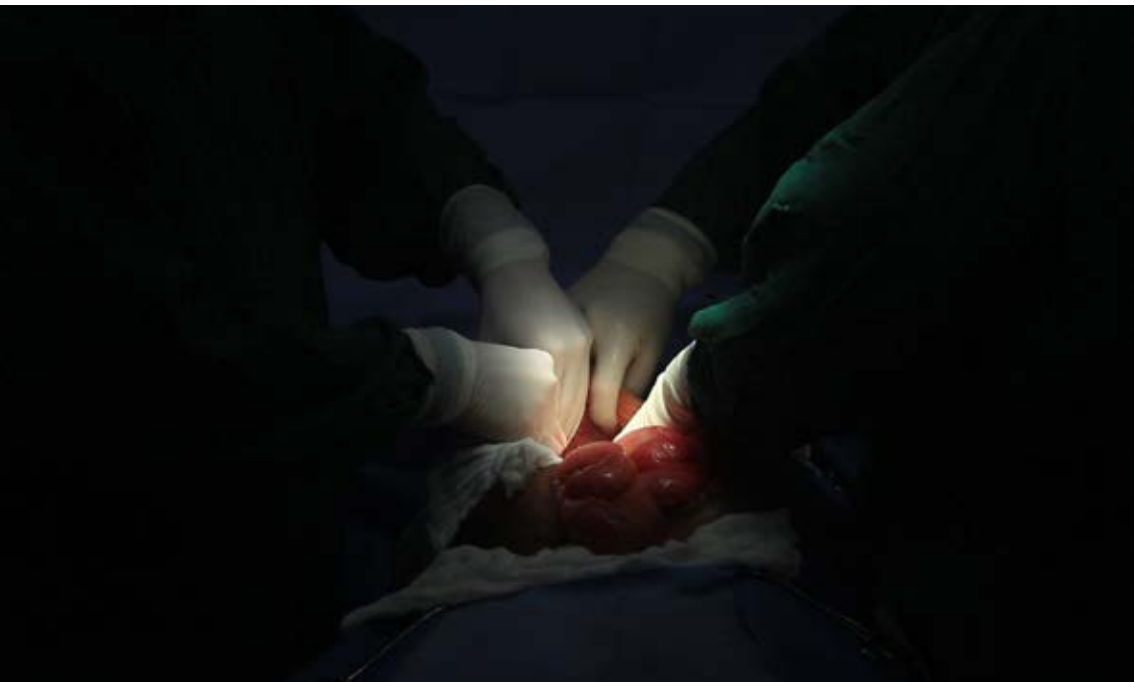
Gabriela Mureb







[p. 4, 26, 29]  
*Sem título (buraco)*, 2016  
projeter e vídeo em loop



[p. 6, 27-28]  
*Sem título*, 2016  
vídeo em loop





[p. 30, 32]  
*Traje para Deambular*, 2016

[p. 11, 15, 31, 33]  
*Veículo Deambulatório*, 2016

Roberta Barros





[p. 7, 34-37]  
*Tomar para si*, 2016  
performance realizada no HMHS  
vídeo 15'42"

Na semana passada, fui ao Centro Cultural Hélio Oiticica, atualmente sob a direção de Izabela Pucu, ver a mostra “Nos limites do corpo” sob a curadoria de Tania Rivera e Luiz Sérgio de Oliveira, com o(a)s artistas Roberta Barros, Gabriela Mureb, Hélio Carvalho e Cristina Salgado.

subi as escadas e dei com a porta de vidro, uma sensação de insegurança me deu em não ver nenhum sinal talvez uma setinha galeria 2 e 3 (?) para um lado e a outra apontando para a escada que subia, que tinha uma correntinha, assim só podia ser ali mesmo, abri a porta de vidro e a arte estava lá no escuro, uma caverna em forma de paralelepípedo, um container gordo com suas paredes pintadas de um cinza escuro, até hoje não consigo identificar esta cor, quando saí fiquei com a impressão de que a sala era marrom, mais tarde, ainda pelo centro, voltei lá para, entre outras coisas, conferir a cor, cinza escuro, indeciso diria, hoje na memória sinto que ele tende para o verde, assim é o cinza, na sua estranha qualidade de cor, nunca fica quieto na dele, flutua para lá e pra cá, aliás, muito sensível ao que está perto, e sinto que também flutua na nossa memória até encontrar um lugar de conforto e lá se aconchegar, então pra mim agora este é um cinza escuro que tende pro verde, mesmo neste espectro não consigo identificar sua qualidade final, mas lá está ele flutuando na memória-conforto.

na parede esquerda, um texto institucional da diretora e dos curadores, letrinhas amarelas sobre o fundo cinza verde escuro flutuante, mas este é logo abandonado pela força da arte, lá estava eu, o “eu” e quantos somos dentro de nosso “eu”, naquela manhã ensolarada de terça, dentro daquela sala cubo esticado verdescuro cinza flutuante, e três videobras nas três paredes em torno de minhas têmporas, corpo e olhos enquanto a porta de vidro lentamente retornava ao seu estado de repouso, fechando a sala para o ar que nos acondicionava não sair, à minha direita encontrei uma amiga que me saudava

gentilmente enquanto cuidava da mostra, lá estávamos nós e a arte, estas três vídeo-obras se apresentavam de forma diferente e isso trazia uma riqueza no lugar do que às vezes se torna uma monotonia, à direita um monitor maiorzinho um pouco menor que dois braços abertos destes tipo quadro placa, pendurado à altura dos olhos nele uma menina mulher, uma jovem grávida fazia tricô na sala de espera da maternidade, e o crochê saía entrava de sua barriga, fazendo uma conexão como se fosse um cordão umbilical mas não foi assim que eu senti era diferente do cordão, poderia ser uma conexão vaginal mas também não era, algo em algum lugar entre umbi vagi, e ao redor, outras grávidas esperando e os dedos e suas agulhas tricotando, o tempo, de ponto a ponto, passando e de mansinho percebi que a barriga era de brincadeirainha :) ela era de tricô também, e a artista em sua ação (imagino que ela mesmo era a artista) colocava o crochê que ia crescendo para dentro da barriga, “que barriga comilona”, brincaram meus miolos, acho que ela estava grávida do tempo, e assim ela alternava: de ação e de lugar não sei se no hospital tinha várias maternidárias de espera ou se eram diferentes pontos de vista, mas o tempo passava e lá estava ela tricotando, se auto alimentando e alimentando o nenê, nenê ela nenê, em pé, sentada numa sala, noutra sala e o tempo passando e com um sorriso nos olhos minha atenção se despediu e ao fundo da sala foi, uma imagem projetada ocupava em sua horizontalidade toda a largura da sala, um lençol branco e a imagem parada projetada parada, estrategiarte que me lembra alguns trabalhos do cabelo que foi a primeira vez que vi esta proposta de profefoto, o vídeo congelado, mas nem sei se foi ele o primeiro artista neste planeta terra gigante que colocou numa parede uma imagem profefoto, e acho isso uma bobagem, inclusive tenho ainda dúvida se a imagem não tem um minúsculo tempo movimento que oscila ou se é o próprio aprisionamento do vídeo que gera esta vibração, mas lá estava aquele lençol ocupando todo o fundo daquela saladarte caveutero, e do alto direito

deste projequadro sai um córrego vermelho sangue que docemente escorria pelo branco e serenava no limite sua tensão superficial na forma de uma cabeça gota repousada sobre o leite branco lençol, e neste bico rio boca, um brilho que oscilava oscila, acho que tudo oscilava mas este brilho marcava esta força para lá e cá de todos os lá e cás... vermelho branco, gritos e sussurros, menstruação a concepção que não veio e este misterioso mundo da mulher, este interior feminino uterino sazonal desconhecido e desejado para nós homens, este universo do começo da vida, esta vida que brota na escuridão aquática do caveutero, e lá a gota rio, sempre que vejo esta obras, na maioria das vezes feitas por mulheres, evocando este feminino particular delas, fundo branco figura vermelha me lembro do gritos e sussurros cinepoema bergmaniano, e lá estava este quadro imagem arte pintada de luz oscilando quando meu espírito se moveu para uma outra projefoto muito inesperada delicada forte e muito linda, desta vez um pequeno formato, um arbusto, como se as duas mãos abertas, o braço caindo dos ombros, antebraços para frente e as mãos abertas se preparassem para pegar algo abaixo precioso, um nenem, e, se não me engano, num formato tv antiga, mais quadradinho, dentro desta imagem algumas mãos com luvas látex e seus dedos convergindo para um ventre aberto (buraco), pele com uma bordinha de sangue, emanando luz que subia desse corpo-barriga, numa sala de operações, não sei se era uma cesária e um ser sairia dali em questão de segundos, mas esta luz, como se brotasse daquele centro de atenção, subia dela barriga, pelos dedos mão látex luva passando pelas mangas azuis celestepitais dos médicos se esvaneciam na escuridão da parede escurovercinza, assim acontecia e lá estava a imagenluz, a projefoto ficava lá vibros-cilando à esquerda de quem entra na altura de uma criança de 4 anos, alguns pés afastado paredeluz o projetor e uma base, tudo parecia uma coisa só esfigetoten bocadeluz sobre o chão velho de tábuas corridas. Meu corposcilava entre estas três vídeo pinturas nesta caverna rupestre contemporânea, e o chão velho me levou. No final desta caveuterosalacubosticado à esquerda ao lado da projefoto de bordas brancas com o riobabagota vermebrilhoscilante tinha uma porta que emanava luz, atravessei a sala e finalmente a porta, se abriu uma grande sala quadrada toda de paredes

amarelas, luz depois da cavevercinza uteroescuro, parecia um processo de limpeza entramos naquela força da escuridão e agora nos cobríamos de luz, nascimento sei lá. A luz que entrava por uma grande janela, mas certeza não tenho se esta janela de fato existe ou se fruto da minha imaginação, mas lá estava eu, de costas para aquela hipotética janela emanante de luz, mas a sala era luz e cor, assim com antes estive de costas para a porta de vidro, na parede contornada pela porta à esquerda e ainda à esquerda, tínhamos suspenso por um cabide (?) dois uniformes pendurados na parede (será que esta também era amarela, me foge amaré e me vem cinza cla) com linhas cores brilhos, um uniforme vivo alegre, e louco, entre o ofício e o hospício, a loucura organizada de um cotidiano possível da vida, trazia uma fantasia e uma utopia, na parede seguinte em frente a meu corpo recém virado, dois monitores vídeo movimento, com um senhor de barba vestido do uniforme empurrando um carrinho maca, nave espacial, camelotruk, pelos corredores e rampas de um hospital, comecei a ver que tinha algum hospital envolvido que eu na minha ignorância infantil não sabia muito bem onde estava entrando quando atravessei aquela porta de vidro, e aquele homem videoandava dela para cara e de cá pra lá rodando pela sala que no teto tem aquela luapontopreto do grande artista americano que fez uma mostra desenhos há muito tempo aqui no HO e desde então está participando de todas as mostras, umas cai melhor outras nem tanto, mas ele está sempre lá, do nem tão alto teto ponto mirando tudo e neste caso o carrinho rodando o artista brincando o espírito girando o uniforme brilhando e tudo aquilo no ar quando o ser parou e olhou, lá estava o carrinho fora do vídeo, em carne e tubos, cintas e cores, pousou lá sobre o solasoalho de tábuas corridas e se abriu ...o carrinho navemaca é uma mesa de desenho com papel, caixas de lápis de cor, banquinhos velhos em volta, pura poesia, serenou... Depois daquele nascimento caveuterino, veio a luz das cores do desenho do rodopio, da sala cinzaverscuro da espera tricogravida, pelo rio sussurro sangue e do corpo que emana luz chegamos as cores da luz do amarelo sol que inunda a sala, na parede oposta a porta da luz, luz core, arco íris, brincadeira desenhar sonhar agir viver, que vontade deu de desenhar, depois soube que não podia, tudo bem, assim fica tudo arrumadinho, é bom. A manhã ia subindo

e na diagonal oposta uma porta com cortina, travessando esta pele-porta entramos em outra sala escura mas desta vez escuro sobre paredes brancas e as velhas tábuas corridas e, holofotes, os olhos escorreram pela parede esquerda onde o primeiro holofote ilumina um caderninho, à direita sobre as velhas tabacorridas, outros dois iluminam folhas de carpete suspensas por um tripé ou qualquer forma de pedestal, cada um dos holofotes emana uma imagem de mulher, uns se não me engano um desenho outro uma escultura, santa sei lá, o simbólico, o teatro, a luz, a sombra naquela língua de varias carpé camadas magenta escura, clara, ocre, ...mas me aproximei da do caderninho, foi ele que me atraiu, com seu holofote, em diagonal, sobra e luz, e sob esta luz, saía da parede uma pega-grampo de ferro garrando o caderninho pela base aberto, meio palmo da parede, nele rabiscado, desenhado, uma mulher deitada em perspectiva seu torso para trás e para frente suas pernas abertas. grafite sobre papel se não me engana a mente, ops, aliás, a mente mente :) e entre as pernas como em todas as mulheres lá explícito e desenhado a vagina e o ânus, a origem do mundo de mestre Courbet, reproduzida, revivida re dançada, re cantada, o holofote, o teatro, o placo, a arte, avida, o desejo, a entrega, a operação, abre um buraco mãos de látex retiram o feto, da luz surge o palco da vida, o teatro, do teatro o corpo, do corpo a cama, da cama o escuro, do escuro a luz, o palco com seus holofotes e o público, a sala de operações os holofotes o corpo o privado, a vida em jogo aqui e o jogo da vida em arte lá, arte lá arte cá, e a espera, ponto a ponto, e o rio que escorre e o homem que corre, e as cores esperando alguém que nunca vem pra colorir mas colorir não pode pois a espera gera a arte, e o holofote, queima brilha, luz luz luz... na parede desta sala. já no retorno do corpo ao lado da porta de entrada o vídeo a performance da escultura pelecarrpete sendo montada finalizada cobre umas cadeiras banco do hospital, cada vez tudo ficava mais claro, o hospital centro gerador, pessoas conhecidas a curadora o fotógrafo outra artista, gente ajudando a artista por entre o corredor público do hospital, o público, peles carpete empilhadas formando camadas de uma nova pele, pele de pele, de corte epitélio, Duas salas escuras a sala caveu-tero abrindo os caminhos da arte e a sala palco fechado a dança entre curadores instituição arquitetura artistas, nascimento vida e

morte, duas mulheres mais jovens e menos conhecidas na primeira sala dando a luz a mostra, na luz, o homem barba cinza, com seu uniforme brilhante e seu carrinho camelonave de cores dando voltas, rodopiando loucamente e a mente mente novamente pelos corredores sobe e desce, e na última sala eterno retorno, o escuro sala com seus holofotes teatrais dando luz a arte, mulheres no escuro dando luz, homem no claro rodopiando sob a luz, a luz da cor, a lua da cor, a saída é um retorno, como se o tempo fosse virando do lado avesso, puxei a cortina da porta a luz das cores do uniforme rodopiante girou espírito no meu corpo, sob a benção da lua negra sobre a sala de luz atravessei a sala em frente tinha uma outra porta que passou despercebida me levando a cavesala, e sua paredecor misteriosa o tricô, o rio, e aquele primor de corpobordasangueluzdedos-latexluvaazulcelst se esvai sem bordas mimetizando a escuridão, do lado direito da porta o texto e suas letrinhas amarelas onde os curadores nos assopram palavras dos caminhos lugar por onde passamos, hora de ler, ficamos sabendo que este projeto veio de um convite do hospital maternidade Heloneida Studart, em São João do Meriti, porém com o corpo aberto ao navegar sobre as palavras, a gravidez, lugar entre o eu e o outro, poesia e dor, transformação, maternidade, sua biologia crua tudo isso foi me lembrado o meu filho e palavras que soprei sobre a mãe e o cuidar, a mulher vem equipada com um órgão para gestar e outro para alimentar, cuidar é parte do ser feminino, para ele serenar e compreender que mãe é isso, que isso pode às vezes ser um exagero, e nos cansar, mas que também é um ensinamento pois todos temos que cuidar de si, das relações, dos hospitais, da cidade, país, planeta enfim cuidar do nosso corpo, da nossa casa que é a terra e tudo que temos nela, suas plantas, nossa mestra dizia Lygia, "a casa é o corpo" hoje poderíamos dizer "a terra é o corpo" assim estas letrinhas amarelas nos mostram o cuidado, com que tudo foi feito, cuidado que percebemos quando atravessamos as três salas cuidado com que tudo foi colocado, cada lugar, acima abaixo, o cinzaverdescurto o amarelo, luz e sombra o cuidado coletivo e as letrinhas amarelas, assim saí e fui pra rua quente e iluminada do saara carioca



**Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro**  
Eduardo Paes

**Secretário Municipal de Cultura**  
Junior Perim

**Chefe de gabinete**  
Flávia Piana

**Subsecretária de cultura**  
Danielle Nigromonte

**Subsecretário de gestão**  
Carlos Corrêa Costa

**Coordenador de equipamentos culturais**  
Carlos Cavalcanti

**Gerente de centros culturais**  
Keyna Eleison Van de Beuque

**Diretora e curadora do Centro  
Municipal de Arte Hélio Oiticica**  
Izabela Pucu

## **Catálogo**

### **Textos**

Tania Rivera  
Luiz Sérgio de Oliveira  
Ernesto Neto

### **Revisão de texto**

Renata Gomide | Retextualizar

### **Fotos**

Wilton Montenegro  
Hélio Carvalho [p. 15]  
Luiz Sérgio de Oliveira [capa]  
Martino Frongia [p. 34-37]

### **Tratamento de imagens**

André Cossich

### **Impressão**

Compulaser Gráfica e Editora

## **Exposição**

### **Curadoria e textos**

Tania Rivera  
Luiz Sérgio de Oliveira

### **Acompanhamento clínico e institucional**

Ana Teresa Derraik Barbosa

### **Gestão executiva**

Sandra Rodrigues

### **Produção executiva**

Roberta Barros  
Leandra Espírito Santo

### **Assistente de produção**

Jéssica Guia

### **Projeto gráfico**

Rara Dias

### **Assessoria de imprensa**

O Sobrado - Comunicação Criativa

### **Montagem**

Articulação Cenografia |  
Leandro Ribeiro e Carlos Augusto Campos

### **Iluminação**

Artimanha Produções | Julio Katona

### **Automação audiovisual**

Thiago Pantoja

### **Monitoras**

Aline Cavalcanti Alcantara  
Virna Benvenuto

### **Agradecimentos**

Dr. Helton José Bastos Setta, Dra. Ana Teresa Derraik Barbosa, equipe de assistência do Centro Cirúrgico do Hospital da Mulher Heloneida Studart, Vanessa do Nascimento Lírio Lopes e Tainá Batista Martins, Viviane Matesco, Alessandro Costa, Bárbara Boaventura Friaça, Letícia Carvalho, Evandro Salles, Filipe Brito, Fernanda Rabelo, Mariana Rocha, Analu Zimmer, Bárbara Cesar, Ciep 135 Afonso Henriques de Lima Barreto, Wilton Montenegro, Samara Pires Neto, Saulo Vettore, Leni Simão, Dermeval Figueiredo da Silva, Leonardo Ferreira dos Santos e Thales Leite.